

RESENHA



## **Crítica do valor e do fetichismo da mercadoria**

JAPPE, Anselm. *Crédito à morte*. A decomposição do capitalismo e suas críticas. São Paulo: Hedra, 2013, 242 p.

**María Fernanda Escurra\***

Este livro de Anselm Jappe, filósofo e ensaísta alemão, integra diferentes artigos. Estes são intervenções publicadas no debate francês entre 2007 e 2010, traduzidos para a edição brasileira por Robson J. F. de Oliveira, com a incorporação de um prefácio da filósofa Olgária Matos.

Jappe está ligado à corrente do marxismo a que se propôs a “crítica do valor”, a partir dos anos 1980, na Alemanha, pelas revistas *Krisis* e *Exit!*, tendo como seus principais autores Robert Kurz e Moishe Postone. A “crítica do valor” considera – na trilha aberta por Lukács, Rubin e posteriormente pela Escola de Frankfurt – que o eixo central da interpretação de *O capital* consiste na crítica ao “fetichismo da mercadoria” e às formas envolvidas nesse processo (mercadoria, valor, dinheiro, capital, trabalho etc.), distanciando-se, desse modo, da leitura divulgada pela Segunda e Terceira Internacionais, que prioriza a exploração e a luta de classes.

Na tradução brasileira do livro, após a apresentação do autor, os textos estão organizados em três partes, seguindo a edição francesa original

---

\* Assistente Social, doutora em Serviço Social. Bolsista da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). *Correspondência*: Av. São Francisco Xavier, 524- 9º andar – Maracanã - FSS/PPGSS-UERJ. CEP. 20550-013. *Email*: <mfescurra@gmail.com.br>

da obra: a primeira, sob o título *Pars destruens*, reúne quatro artigos sobre o afundamento do capitalismo que resultou na crise de 2008. Analisa algumas de suas consequências, abordando temas como a crise como método de governo, violência na política, decomposição/recomposição política. A segunda parte, *Pars construens*, agrupa mais quatro textos com diferentes abordagens anticapitalistas que, apesar de seus limites, dada a compreensão insuficiente da lógica do capital e das determinações fundamentais do processo de acumulação, indicam caminhos e algumas respostas rumo à superação da sociedade capitalista. Nos artigos que integram esta parte, o autor estabelece um diálogo crítico com os teóricos do Movimento Anti-utilitarista nas Ciências Sociais (Mauss), com o filósofo Jean-Claude Michéa e com o discurso do decrescimento, entre outros. A terceira e última parte, denominada *Pars ludens*, aborda, através de dois artigos, a questão da arte contemporânea e da cultura nesse cenário de decomposição e declínio do capitalismo, situando sua crítica contra o relativismo generalizado e a consolidação da forma-mercadoria que resulta do pós-modernismo.

Segundo o próprio autor, os artigos que podem ser lidos independentemente uns dos outros, dado que foram escritos separadamente, analisam a decomposição do capitalismo contemporâneo e a reação por ela suscitada. Cada artigo contém explicações sobre a crítica do valor e do fetichismo da mercadoria e resume um aspecto diferente dessa crítica a partir de uma temática específica. Para Jappe, reconhecer o declínio necessário e inevitável do capitalismo é também apostar na possibilidade de uma transformação estrutural, sem com isso ser utopista ou ingênuo. Neste sentido, afirma que a cada dia o sistema mina suas próprias bases e é preciso mostrar teoricamente os limites internos da valorização tautológica do valor como cerne da formação social capitalista. Além disso,

[o] capitalismo tornou-se *visivelmente* o que foi *essencialmente* desde o início: um bicho que se autodevora, uma máquina que se autodestrói, uma sociedade em que, com o tempo, será impossível alguém viver, porque ela consome todos os laços sociais e todos os recursos naturais para salvar o mecanismo da acumulação do valor. [...] Dizer isso não é tentar fazer uma ‘profecia’ relativa a um futuro desmoronamento do capitalismo, mas sim sintetizar o que se produz já todos os dias. [...] Seu fim está se dando por sua própria conta, consequência da sua lógica de base – esta é dinâmica autodestrutiva, o que a distingue das sociedades precedentes. O capitalismo faz muito mais coisas contra si mesmo do que todos os seus adversários reunidos puderam fazer. (p. 119-120 – grifo no original).

Nesse contexto, na opinião de Jappe, o que se apresenta como crítica ao capitalismo é grande parte do problema (e não parte da solução). Trata-se de reações à crise que o autor denomina como “populismo” e que, na realidade, não criticam verdadeiramente as bases da produção

capitalista, mas se limitam a procurar bodes expiatórios e, em consequência, a propor reformas:

[a] emancipação não pode ser outra coisa senão a libertação em relação àquilo que impede a autonomia num nível mais profundo e mais geral. Essa emancipação só pode dizer respeito ao sistema capitalista e tecnológico em seu conjunto, sem privilegiar um desses dois aspectos [...] nada de simples ‘apropriação’ da tecnologia industrial por parte de uma sociedade com pretensões ‘não capitalistas’, nada de sair da tecnologia, ou de seus excessos, sem demolir a valorização do valor, o trabalho abstrato e o capital. É preciso centrar fogo no fetichismo, enquanto sistema já pronto e acabado em que nenhuma decisão, pequena ou grande, é mais possível. (p. 30-31).

Na sua análise, o autor sublinha que a sociedade capitalista é a única sociedade já existente que não contém, na sua base, unicamente um antagonismo, senão também uma contradição dinâmica. Esta consiste no fato de que a transformação do trabalho em valor está historicamente destinada ao esgotamento, dado que as tecnologias substituem o trabalho e a humanidade passa a ser um excedente, do ponto de vista da valorização do valor. Por sua vez, na medida em que o trabalho passa a ser concebido como dispêndio de simples força de trabalho sem relação com seu conteúdo, torna-se um fenômeno histórico que pertence apenas à sociedade capitalista e que precisa ser criticado e abolido.

De acordo com Jappe, a ideia segundo a qual a emancipação social deve consistir na vitória da parte dominada da sociedade capitalista sobre a outra parte dessa mesma sociedade era tão forte que a parte dominada era considerada como “não pertencente à sociedade”. Em oposição a essa ideia, ele problematiza e fundamenta que a superação do capitalismo não pode consistir no triunfo de um sujeito criado pelo próprio desenvolvimento capitalista como valorização positiva. Desse modo, conforme a perspectiva das teorias tradicionais de emancipação, os “sujeitos” seriam a expressão de uma “natureza humana anterior e externa” às relações capitalistas (p. 111). Em contraste a tal perspectiva, afirma que antes de tudo é preciso pôr em questão a própria civilização da qual os diferentes sujeitos são expressão.

Nesse contexto, ele sublinha que o traço distintivo dessa sociedade não pode ser encontrado na exploração de uma classe por outra. Com isto, apesar dessa exploração acontecer, “[a] especificidade do capitalismo – o que o torna único na história – é antes o fato de tratar-se de uma sociedade fundada na concorrência generalizada, nas relações de mercado estendidas a todos os aspectos da vida e no dinheiro como mediação universal” (p. 104). Portanto, com essa interpretação, o autor acredita que se começa a abrir espaço para uma análise diferente das contradições capitalistas que, sem abandonar a crítica social, concede um lugar central à crítica da mer-

cadornia e de seu fetichismo, do valor, do dinheiro, do mercado, do Estado, da nação, da concorrência, do patriarcado, do trabalho.

Sob a ótica da “crítica do valor”, argumenta Jappe, a crítica da economia política de Marx contém um questionamento das bases da sociedade capitalista muito mais radical do que o sustentado pelo marxismo tradicional, pois

o valor, o dinheiro, a mercadoria e o trabalho não são dados ‘neutros’, trans-históricos e eternos, mas constituem o coração da especificidade negativa do capitalismo moderno. Logo, são essas categorias de base que devem ser alvo de crítica, e não somente a existência das classes sociais, do lucro, do sobrevalor (ou mais-valia), do mercado e das relações jurídicas de propriedade – que são essencialmente formas de distribuição do valor, ou seja, fenômenos derivados. (p. 135).

Desde essa perspectiva, valor, dinheiro, mercadoria, trabalho abstrato não pertencem a todo e qualquer modo de produção, mas são as categorias de base do capitalismo, engendram seu “dinamismo cego”. Por esse motivo, se bem seja possível desejar outras formas de sociedade, não é possível um tipo de capitalismo diferente do “capitalismo realmente existente” (p. 190). No entanto, sublinha ele, atualmente uma parte das lutas sociais no mundo se caracteriza pela luta pelo acesso à riqueza capitalista e não questiona o caráter dessa riqueza.

O autor afirma que Marx, ao contrário de quase toda a tradição marxista, “não argumenta o ponto de vista do trabalho, concebido como essência eterna” (p. 136), e acrescenta que foi Postone quem melhor analisou o aspecto pouco conhecido do pensamento de Marx de que, no capitalismo, as relações sociais são mediadas pelo trabalho: “[é] só no capitalismo que o trabalho torna-se ele próprio um princípio de mediação social” (p.137). Também credita a Postone a análise de que a “autonomização do valor” só existe na sociedade capitalista e subordina a vida dos indivíduos e da humanidade inteira aos mecanismos dessa acumulação, não se limitando a uma esfera particular da vida social, aspecto que coloca o valor como mediação universal entre o homem e o mundo. Com isto, o autor faz referência à “necessidade bulímica do capital” de conquistar novas esferas de valorização do valor através da incorporação de esferas vitais que antes eram consideradas sem valor (p. 144). Neste processo, cada vez mais numerosos indivíduos e grupos se tornam “supérfluos”, visto que inúteis do ponto de vista da valorização do valor (p. 152).

Por último, para compreender o título do livro – *Crédito à morte. A decomposição do capitalismo e suas críticas* – talvez seja interessante recuperar a explicação escrita por Matos no Prefácio do livro:

[trata-se da ideia de que] o crédito leva, simultaneamente ao endividamento, à especulação, ao esgotamento dos recursos naturais e à

insalubridade das práticas da agricultura – dos agrotóxicos aos transgênicos – correndo-se o risco de morrer por isso. Dada a hegemonia do valor de troca e a universalização do prestígio do dinheiro como ideal de ego das sociedades contemporâneas, dá-se o fim da busca de autonomia e de esferas não mercantis da vida individual e coletiva. (p. 12-13).

Por fim, considerando os aspectos aqui sumariamente destacados, não resta dúvida de que o livro contribui para restaurar a dimensão efetivamente crítica da obra marxiana.

DOI: 10.12957/rep.2015.21077



A Revista Em Pauta: Teoria Social e Realidade Contemporânea está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.